

# A importância do ensino eficiente no processo de alfabetização e letramento

*The importance of efficient teaching in the literacy process<sup>1</sup>*

HELGA CARVALHO BAPTISTA DE ALMEIDA

Mestra em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Professora de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Paraíba do Sul/RJ.

E-mail: [helgabpalmeida@gmail.com](mailto:helgabpalmeida@gmail.com).

JOSÉ IGNACIO RIBEIRO MARINHO

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Professor de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Cambuci/RJ e de Itaperuna/RJ.

Tutor de Crítica Textual, Latim Genérico, Literatura Brasileira II, Literatura Brasileira III e

Português IV da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: [josebrenatti@hotmail.com](mailto:josebrenatti@hotmail.com).

---

**Resumo:** O processo de alfabetização e letramento é o momento de aquisição da língua escrita e enriquecimento da língua oral. Nesse período, o aluno é apresentado aos conhecimentos fonético-fonológicos e começa a desenvolver a chamada consciência fonológica, a qual compreende a contraposição entre as letras e os sons. A consciência fonológica é importante para o aluno e para o professor de Português Brasileiro (PB), uma vez que ela irá auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. O professor de PB deve estar atento às variações linguísticas, aos elementos prosódicos da fala, à representação das vogais e consoantes na grafia e nos seus sons. A partir da análise dessas representações de sons e sua escrita é que o professor irá preparar sua estratégia de identificação, avaliação e intervenção nas produções textuais de seus alunos. O intuito é ajudar na aquisição da norma urbana de prestígio, minimizando e corrigindo as falhas de leitura e escrita nas produções textuais dos alunos.

**Palavras-chave:** Conhecimentos fonético-fonológicos. Alfabetização. Letramento. Consciência fonológica. Aquisição da norma urbana de prestígio.

**Abstract:** The literacy process and initial reading instruction is the moment of written language acquisition and spoken language improvement. In this period, the student is presented to phonetic-phonological knowledge and begins to develop the so-called phonological conscience which comprehends the contraposition of letters and sounds. Phonological awareness is important for Brazilian Portuguese (BP) students and teachers, as it will help in the teaching-learning process of reading and writing. The BP teacher must be aware of linguistic variations, the prosodic elements of speech, the representation of vowels and consonants in spelling and their sounds. Based on the analysis of these representations of sounds and their writing, the teacher will prepare their identification, assessment and intervention strategy in the textual productions of their students. The intention is to help in the acquisition of the prestigious urban

---

<sup>1</sup> Em inglês, o termo para alfabetização e para letramento é o mesmo: *literacy*.

norm, minimizing and correcting reading and writing flaws in the textual productions of students.

**Keywords:** Phonetic-phonological knowledge. Literacy. Initial reading. Phonological conscience. Acquisition of the urban prestige norm.

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura e a escrita são as principais formas de expressão da linguagem humana e permeiam a vida de qualquer indivíduo, no entanto, trabalhar com a leitura e a escrita é um grande desafio nos dias atuais. Os professores de Português Brasileiro enfrentam algumas dificuldades em relação ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

A fonética e a fonologia são partes integrantes do processo de alfabetização e de letramento, uma vez que desenvolver a consciência fonológica é um fator importante para o desenvolvimento da linguagem.

Neste sentido, este artigo tem como proposta apresentar autores como Lemle (2007), que descreve o processo de alfabetização, apontando a importância da fonética e da fonologia e apresentando as principais falhas que podem ocorrer por parte dos alunos em suas produções textuais. Aponta, ainda, alternativas para o professor de PB identificar e corrigir tais falhas, auxiliando o processo de ensino e aprendizagem.

Autores como Simões (2006), André (2015) e Soares (2004) também foram usados como aporte teórico para a construção deste texto, uma vez que tais teóricos apontam a importância da fonética e da fonologia para a leitura e a escrita.

O artigo tem por objetivo apontar como a fonética e a fonologia são importantes para a alfabetização e o letramento dos alunos e como o conhecimento fonético-fonológico é importante para o professor de PB, uma vez que ele deve ser capaz de identificar, defender, avaliar e intervir nas produções textuais dos alunos.

A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica e se justifica pela afirmação de que o professor ainda encontra dificuldades no ensino de fonética e fonologia, considerando que alunos do Ensino Médio ainda cometem desvios graves em suas produções textuais.

Nesse sentido, são feitas algumas considerações sobre o conhecimento fonético-fonológico no processo de alfabetização e letramento. Num segundo momento, será apresentada a importância dos conhecimentos fonético-fonológicos para que o professor de PB possa identificar as falhas nas produções textuais de seus alunos. É importante, ainda, que o professor seja capaz de avaliar e intervir nas produções, a fim de promover a aquisição da norma urbana de prestígio por parte do aluno.

Como exemplificação desses desvios, é apresentada uma produção textual de uma aluna do Ensino Médio, a fim de identificar falhas, avaliá-las e classificá-las, para que seja feita intervenção de forma positiva, colaborando para o processo de aquisição da norma urbana de prestígio.

## 2 FONÉTICA E FONOLOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A escrita e a leitura têm sido temas recorrentes em diversos estudos. Silva e Pacheco (2015, p. 1685) afirmam que “o ato de escrever compreende transferir para o papel ideias, pensamentos e sentimentos, mas, ao pensar em escrever, é preciso criar possibilidades no texto, para que aquilo que é escrito, seja também lido”.

Nesse sentido, tornam-se fundamentais os conhecimentos fonéticos e fonológicos para o processo de alfabetização e de letramento.

Na história da educação no Brasil, a alfabetização sempre seguiu, tradicionalmente, três métodos de ensino, os quais são conhecidos como alfabético, fônico e silábico. No método alfabético, o mais antigo, o aluno deve memorizar as letras do alfabeto e combiná-las umas com as outras, a fim de formar palavras. Por sua vez, no método fônico, o aluno deve estabelecer relação entre os sons de uma língua e sua representação gráfica correspondente ao sistema de escrita, estimulando a compreensão da estrutura sonora das palavras. Já no método silábico, o processo de alfabetização é iniciado a partir da apresentação das vogais e depois a associação delas com as consoantes para que as frases sejam formadas (SCHERER, 2008 *apud* SILVA, 2016, p. 46).

No entanto, apesar de percorrer décadas influenciando a alfabetização, tais métodos passaram a receber críticas e surgiram novos métodos de ensino que se baseavam em processos de estímulo para capacitar o aluno a ler e a escrever de forma que ele construísse significados.

Desenvolveu-se a necessidade, a partir de dado momento, de se estimular a consciência fonológica, que Silva (2016, p. 47) define “como a capacidade de compreender a estrutura sonora das palavras”.

A alfabetização passa por diversos momentos e transformações, a fim de adequar-se à realidade dos falantes. A aprendizagem de leitura e escrita é estudada desde a década de 1970, visto que a consciência fonológica passou a ser apontada como fator importante no processo de alfabetização, já que facilita o conhecimento da estrutura sonora das palavras e sua relação com a escrita. A consciência fonológica é considerada um pré-requisito para se aprender a ler (DRESCHER, 2011 *apud* SILVA, 2016, p. 50).

De acordo com Magda Soares (2004, p. 99),

A aprendizagem da língua escrita tem sido objeto de pesquisa e estudo de várias ciências nas últimas décadas, cada uma delas privilegiando uma das facetas dessa aprendizagem. Para citar as mais salientes: a faceta fônica, que envolve o desenvolvimento da consciência fonológica, imprescindível para que a criança tome consciência da fala como um sistema de sons e compreenda o sistema de escrita como um sistema de representação desses sons, e a aprendizagem das relações fonema-grafema e demais convenções de transferência da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita; a faceta da leitura fluente, que exige o reconhecimento holístico de palavras e sentenças; a faceta da leitura compreensiva, que supõe ampliação de vocabulário e desenvolvimento de habilidades como interpretação, avaliação, inferência, entre outras; a faceta da identificação e do uso adequado das

diferentes funções da escrita, dos diferentes portadores de texto, dos diferentes tipos e gêneros de texto, etc. Cada uma dessas facetas é fundamentada por teorias de aprendizagem, princípios fonéticos e fonológicos, princípios linguísticos, psicolinguísticos e sociolinguísticos, teorias da leitura, teorias da produção textual, teorias do texto e do discurso, entre outras.

Portanto, o processo de aprendizagem fonológica é de extrema importância para o desenvolvimento da alfabetização e do letramento. A partir dessa fase, a criança irá compreender os sons e relacioná-los com o que está escrito.

A primeira etapa do processo de construção de significado pela alfabetização, consoante (SILVA, 2016, p. 34), compreende o momento em que o aluno é levado a perceber que, além dos sons, sinais gráficos podem ser usados para transmitir alguma mensagem. O aluno deve ser capaz de reconhecer que os sons são transcritos muitas vezes de forma diferente da fala. Numa segunda etapa, que podemos denominar de fase da leitura produtiva, o aluno já é capaz de reconhecer os sinais gráficos e relacionar a grafia com os sons que estes produzem. Esta etapa é importante para levar o aluno a compreender os traços prosódicos do texto, como pontuação e entonação, que foram dados a ele. Na última etapa, que Silva (2016) denomina de fase da leitura emotiva/interpretativa, o aluno será capaz de interpretar os sinais gráficos, associando-os aos seus significados. A interpretação e a associação dos significados têm relação direta com o sistema fonológico de cada língua e das variações dialetais.

A fonética e a fonologia são responsáveis por nos apresentar e nos fazer compreender os sons que produzimos e a forma como a língua escrita os reproduz. No processo de alfabetização, a criança tenta reproduzir, por meio da escrita, os sons, dando a cada som um sinal gráfico diferente que os represente. Com a aquisição da escrita, o aluno vai percebendo que um mesmo som pode ser representado por letras diferentes (SILVA; PACHECO, 2015, p. 1691).

O professor encontra dificuldade em alguns aspectos fônicos do PB a serem considerados durante o aprendizado da leitura e da escrita. Dentre esses pontos, apontamos uma reflexão de Simões (2006, p. 25):

O estudo de mudanças morfonêmicas (metaplasmos), quase sempre reservado à diacronia, no entanto, também pode ganhar um espaço relevante no estudo da fonologia sincrônica, visto que aquelas ocorrem em qualquer tempo nas línguas vivas. Por exemplo, se as variações dialéticas fossem observadas no foco dos metaplasmos, seria substância fônica, facilitando o entendimento de determinados fatos captáveis na língua oral, e muitas vezes, transpostos para a escrita.

Dessa forma, podemos compreender que as crianças em processo de alfabetização podem, de forma involuntária, cometer trocas entre letras de sons parecidos, uma vez que elas ainda não possuem um domínio definido da grafia gramaticalmente correta da norma urbana de prestígio.

Sobre isso, a fonologia não leva em conta as diferenças dialetais, ocupando-se tão somente, das diferenças fonemáticas (entre um fonema e outro, como “d” e “t”, por

exemplo, as quais produzem as distinções entre significantes e significados numa língua). Ainda para a autora:

Fonologia, parte da linguística que se ocupa dos sons da língua, ou seja, levanta, classifica e estabelece básicas entre os fonemas de uma língua, visando à descrição de sua estrutura fônica, o que possibilita distingui-la de outras línguas e definir seu padrão combinatório no nível distingui-la de outras línguas e definir seu padrão combinatório no nível da sílaba. (SIMÕES, 2006, p. 18)

A parte sonora da língua exerce função importante no processo de alfabetização, visto que é por meio da transcrição fonética que o aluno começa a aprender a escrever e a formar palavras. Um problema encontrado neste processo de alfabetização é que nem sempre as letras representam um só som e um mesmo som pode representar várias letras diferentes.

Neste sentido, alfabetizar não compreende apenas o ensino da língua e da escrita; alfabetizar inclui o ensino da língua escrita, da leitura e da construção de significados através da relação letra/som.

Através das mudanças metodológicas e conceituais da alfabetização durante a história, verificou-se que uma mudança “pragmática permitiu identificar e explicar o processo de alfabetização através do qual a criança constrói o conceito de língua escrita como um sistema de representação dos sons da fala por sinais gráficos” (SOARES, 2004, p. 98).

Neste momento, o foco passou a ser, então, o de alfabetizar integrando a língua escrita com as práticas de leitura, a fim de provocar e motivar o processo de aprendizagem.

É importante, porém, conhecer a norma urbana de prestígio que regula a relação entre som e letra na escrita do PB, para que os alunos tenham autonomia e competência para escrever, ler e compreender corretamente qualquer tipo de texto.

A leitura é um processo ininterrupto de atribuições de significados, basta que a criança seja estimulada a desenvolver autonomia no processo de compreensão entre linguagem falada e escrita e, ainda, fazer com que o aluno perceba que a fala é um conjunto de sons e o sistema de escrita representa estes sons. A leitura e a escrita são de grande importância para o desenvolvimento de qualquer indivíduo, e essenciais para o processo educativo.

Na escrita, ao contrário do alfabeto fonético, nem todos os sons da fala são conservados. [...] A escrita não reflete a pronúncia de todas as variantes linguísticas e também não corresponde exatamente à pronúncia de ninguém. Por essa razão, em todas as regiões ocorrem dificuldades ortográficas para quem escreve confiando no ouvido. Ou seja, o exame atento da língua mostra que ela não é homogênea. O alfabeto fonético serve justamente para transcreever os sons e, por isso, pode ajudar a entender como ocorrem as diferenças entre fala e escrita. (ANDRÉ, 2015, p. 41747)

Sendo assim, podemos afirmar a importância da prática de leitura como facilitadora para o aprendizado fonético-fonológico. É necessário que se criem práticas que levem o aluno a compreender o funcionamento do alfabeto e a dominar as convenções fonológicas.

Medeiros (2014, p. 3) apresenta o termo “Letramento Fonológico” e o define como “um conjunto de habilidades reflexivas e conscientes sobre a sonoridade das palavras e nas práticas da escrita delas, processando-se de acordo com o processo de alfabetização”.

Importante mencionar que, no processo de alfabetização e letramento, toda criança traz alguma referência linguística do seu meio sociocultural, e tais fatores devem ser considerados. O ensino do PB deve acontecer num contexto significativo, por meio de textos e práticas interessantes, que sejam úteis e agradáveis ao aprendiz.

Segundo André (2015, p. 41753-41754):

Na leitura, a combinação entre letras e sons se torna mais motivada, ou seja, menos arbitrária, depois que são apreendidos os sons que cada letra representa. Ao saber os sons que podem ser representados por cada uma das 26 letras do alfabeto, é possível decodificar qualquer texto. [...] Entretanto, pode ocorrer de um aluno entender que a leitura serve para o prazer, para a aquisição de informações e para a interação em uma sociedade letrada e, ainda assim, não aprender a ler e escrever, devido a problemas relativos ao domínio do código.

Cabe ao professor de PB estimular essa consciência fonológica aliada às práticas de leitura e à norma urbana de prestígio, uma vez que nem sempre a escrita corresponde às formas de falar e é neste momento então que surgem os desvios ortográficos.

### **3 OS CONHECIMENTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS E O PROFESSOR DE PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Os professores de PB possuem formação quanto aos conceitos de fonética e fonologia e sua aplicabilidade, quanto às variações linguísticas, quanto aos seguimentos consonantais e vocálicos e também quanto aos elementos prosódicos do falar. Entretanto, o professor ainda encontra obstáculos para que a aplicabilidade desse ensino seja realizada com sucesso (DUARTE; SANTOS, 2014).

O primeiro passo para mudar essa atmosfera de insegurança quanto ao ensino é refletir sobre como é trabalhada a fonética na sala de aula, dando ênfase à diversidade de traços fônicos e prosódicos do PB. A língua falada possui traços linguísticos fortes e são reproduzidos nas produções escritas.

Portanto, é necessário que o professor atue junto aos traços de transferências linguísticas, iniciando pelos traços fônicos da língua materna, e mostre assim o ponto e o modo de articulação dos fonemas da língua de origem de seus descendentes e como estes se distinguem

das variantes do português brasileiro, efetuando uma prática pedagógica na e pela diferença dos traços fônicos de forma efetiva e concreta (DUARTE; SANTOS, 2014, p. 253).

Lemle (2007, p. 7-9) aponta que o aluno passa por diversas etapas no processo de alfabetização, e essas etapas são indispensáveis. A autora afirma que são necessárias certas capacidades. A primeira é que o aluno tenha a capacidade de fazer uma ligação simbólica entre os sons da fala e as letras do alfabeto; a segunda é a capacidade de distinguir as letras; a terceira é a de ser capaz de diferenciar os sons da fala, para se escolher a representação gráfica mais adequada; a quarta representa a dificuldade que o aluno enfrenta quanto ao conceito de palavra; e, finalmente, a quinta é o reconhecimento de palavras, ou seja, é a capacidade de identificar sentenças.

Portanto, é importante estar atento às referências a que cada fonema corresponde. De um modo geral, os alunos seguem a lógica de que para cada som há uma letra correspondente e, por esse motivo, ocorrem, por exemplo, desvios ortográficos.

Neste momento, o professor deve estar apto a explicar que a posição da letra precisa ser levada em conta numa quantidade considerável de casos para que seja feita a correspondência entre letras e sons. O professor deve explicar que a correspondência entre letras e sons depende de sua localização na palavra; cabe a ele sistematizar adequadamente as regras para que o aluno aprenda.

Responder dizendo que as pessoas falam errado é um equívoco linguístico, um desrespeito humano e um erro político. Um equívoco linguístico, pois ignora o fato de que as unidades de som são afetadas pelo ambiente em que ocorrem, ou seja, sons vizinhos afetam-se uns aos outros. Um desrespeito humano, pois humilha e desvaloriza a pessoa que recebe a qualificação de que fala errado. Um erro político, pois ao se rebaixar a auto-estima política de uma pessoa ou de uma comunidade contribui-se para achatá-la, amedrontá-la e torná-la passiva, inerte e incapaz de manifestar seus anseios. O professor que usa a saída fácil de explicar as dificuldades de escrita como sendo ocasionadas por defeitos da fala contribui para a marginalidade de seus alunos. (LEMLE, 2007, p. 20)

Quem leciona Língua Portuguesa deve estar atento à realidade de sua sala de aula e evitar a desvalorização dos traços linguísticos que determinados alunos carregam de sua comunidade e ambiente cultural, sendo um facilitador do aprendizado e cuidando para que preconceitos não sejam propagados.

Outra dificuldade enfrentada pelo professor é quando duas letras podem representar o mesmo som no mesmo lugar, como é o caso do som [z]. Neste caso, não existe um princípio que guie o ensino, o professor precisa incentivar que o aluno busque o dicionário para tirar suas dúvidas quanto à grafia e para que ele possa memorizar a forma da escrita.

Ao avaliar as falhas na escrita, o professor deve estar atento a três diferentes ordens descritas por Lemle (2007, p. 40-41): as falhas de primeira ordem, que estão

relacionadas à leitura lenta, com soletração de sílabas e, na escrita, com falhas na correspondência linear entre a sequência dos sons e das letras; nas falhas de segunda ordem, o aluno ignora a correspondência entre sons e letras, escrevendo e pronunciando sem considerar seu valor central; por fim, as falhas de terceira ordem equivalem às trocas entre letras diferentes que, dependendo da posição, possuem o mesmo som.

Identificar qual é a ordem das falhas ortográficas e de leitura são essenciais para a prática do ensino, determinando em qual estágio do processo fonético-fonológico o aluno está. Independentemente da idade e nível escolar, Lemle (2007, p. 41) considera que “o aprendiz que ainda comete falhas de segunda ordem não completou sua alfabetização”. Diz que só podem ser considerados alfabetizados alunos que só cometam falhas de terceira ordem, que podem ser superadas com as práticas de leitura e escrita.

Identificar, apontar e avaliar os desvios do aluno é tarefa que requer atenção e preparo por parte do professor de PB; ele deve levar em conta que “as línguas se transformam pelo fato de que cada nova geração de uma comunidade introduz alguma mudança” e, mesmo que num primeiro momento essas mudanças não sejam percebidas, após algumas gerações, elas são reconhecidas e transformam a língua completamente (LEMLE, 2007, p. 45).

Cagliari (1992 *apud* DRIGHETTI; REZENDE, 2016, p. 61) afirma que “alguns desvios ortográficos não têm relação com a fala, e ocorrem quando o aluno não tem domínio do uso de certas letras, e acaba promovendo uma modificação na estrutura segmental das palavras”. O autor aponta que são falhas de “troca, acréscimo, supressão e inversão de letras”.

Simões (2006, p.49) aponta que o professor deve considerar a língua como uma manifestação do pensamento, portanto, de normatização em benefício da comunicação. Para a autora, é importante conhecer a Fonética, parte que estuda os sons produzidos pelos falantes, diferenciando-a da Fonologia, estudo dos sons da língua; porque, através da Fonética entendemos as distinções dialetais, que, às vezes, manifestam-se na escrita.

Para a autora, o professor de PB deve considerar, em sala de aula, grafias de base fonética assentadas na fala, visto que, segundo ela,

[...] a linguística moderna e a psicologia têm trazido substanciais contribuições para o processo de ensino-aprendizagem da língua, reservando a aprendizagem das formas gráficas do uso-padrão para um estágio posterior ao processo de letramento ou aprendizado do código escrito. Até mesmo em relação ao aperfeiçoamento do domínio do vernáculo, vê-se que a conquista das formas gráficas é algo paulatino e decorrente (SIMÕES, 2006, p. 49).

Considerando a afirmação acima, Simões (2006, p. 49) vem demonstrar que não há o que temer no momento da avaliação de um texto, pois o que caracteriza um texto como adequado não é o uso correto de uma determinada palavra, mas as condições de legibilidade, coesão e coerência, e o grau de informatividade.

Importante citar ainda que falhas de ortografia, como o uso incorreto ou não uso de acentos gráficos ou de sinais de pontuação, ocorrem com frequência. A fala



apresenta características que diferenciam os indivíduos pela sua classe, região ou nível de conhecimento da norma urbana de prestígio.

Desse modo, faz-se importante verificar se o aluno consegue transitar da fala para a escrita preservando as diferenças de gêneros. No entanto, para que isso ocorra, é importante que o aluno entenda o que lê (ANDRÉ, 2015, p. 41751).

O professor deve estar atento ao fato de o aluno ler e escrever sem desvios e, ainda, se ele é capaz de entender o que está sendo lido ou escrito. É imprescindível que o aluno entenda que a escrita é uma transcrição da fala, mas que se escreve de um jeito e se fala de outro.

Para Cagliari (2008 *apud* ANDRÉ, 2015, p. 41751), “a leitura contextual fará o aluno compreender o sentido do texto, a razão pela qual o professor deve ensinar a ler, apontando os sons das letras e o modo como elas são unidas para formar as palavras”.

O professor de Língua Portuguesa, ou mesmo o Pedagogo, deve potencializar a reflexão do educando sobre os sons da fala, possibilitando-lhe o reconhecimento de suas reais implicações. Diante disso, podemos elencar ao menos três contribuições didático-pedagógicas da Fonética e da Fonologia em sala de aula:

- I – possibilitar a compreensão da diferença entre som e letra;
- II – perceber que a propriedade distintiva do som perpassa pelo estudo dos processos de articulação da fala;
- III – compreender que a comunicação oral tem por base os processos físico-articulatórios relativos à produção desses sons (MADUREIRA; SILVA, 2017, p. 83).

Portanto, o professor deve pensar as questões teóricas que conceituam a Fonética e a Fonologia e desenvolver estratégias de ensino mais práticas e menos teóricas. O aluno precisa ser estimulado a refletir sobre seus conhecimentos fonético-fonológicos e como são produzidos os sons.

Conforme citado anteriormente, o aluno deve desenvolver a consciência fonológica. Bisinotto e Silva (2013, p. 12) apontam que, se o desenvolvimento da consciência fonológica for precário, isso pode refletir na compreensão de rimas e aliterações, o que resultará em dificuldades na escrita de sílabas nos anos escolares futuros. Os autores sugerem então que seja feita uma intervenção eficaz na alfabetização, avaliando cada componente da consciência fonológica.

Diante do que foi exposto, faz-se necessário aplicar esses conhecimentos fonético-fonológicos, a fim de identificar, entender, avaliar e intervir nas produções textuais, de forma que os alunos sejam capazes de construir tais conhecimentos.

#### 4 APLICANDO OS CONHECIMENTOS DE FONÉTICA E FONOLOGIA EM SALA DE AULA

A língua possui uma estrutura definida, no entanto sofre constantes variações. A variação linguística pode acontecer nos planos sincrônico ou diacrônico.

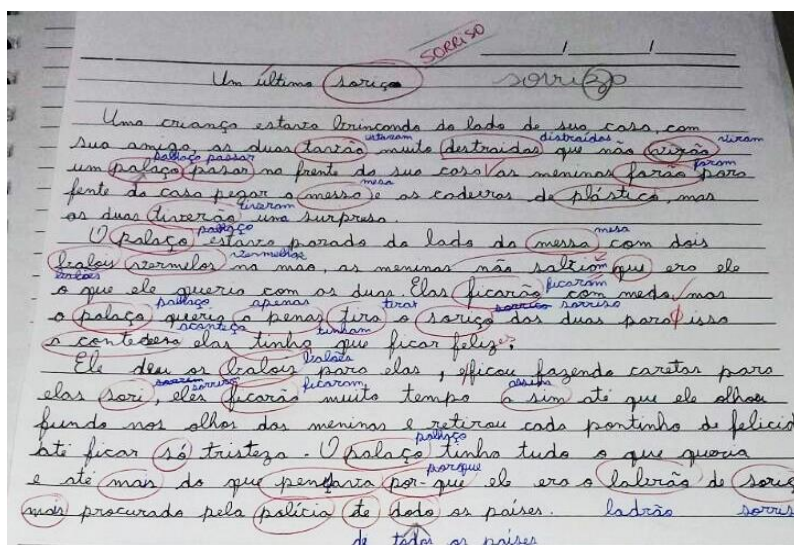
Fala-se em sincronia quando as variedades ocorrem concomitantemente, no mesmo plano temporal. Já as variedades diacrônicas são aquelas que se apresentam em planos temporais distintos ao longo da história (SILVA, 2016, p. 63).

Outros autores categorizam as variações linguísticas em diatópicas, que são as variações geográficas e, diastráticas, que compreendem as socioculturais, que sofrem influência dos fatores como idade, sexo, raça, profissão, grau de escolaridade e local onde reside (SILVA, 2016, p. 63).

Por seu dinamismo, a língua está suscetível a alterações motivadas por fatores diversos. Essas alterações podem gerar confusão e, por consequência, erros na escrita. Cagliari (2008 *apud* SILVA, 2016, p. 65) afirma que “o aluno erra na forma gráfica porque se baseia na fonética”. A partir dessa constatação, é importante destacar que é preciso que os professores de PB conheçam tais processos, a fim de que tenham preparo para identificar e intervir nas produções textuais dos alunos.

Será necessário a ele, portanto, entre outras coisas, distinguir, com base nos desvios ortográficos ocorrentes, os erros que decorrem de problemas na compreensão das relações fonema – grafema daqueles que resultam da passagem de regras fonológicas (variáveis ou sistemáticas) para a escrita. (SILVA, 2016, p. 65)

Para exemplificar tais ocorrências, iremos analisar alguns trechos de uma produção real, de uma aluna do 1º ano do Ensino Médio, baseada em um conto “ao estilo de Rubem Fonseca”. Trata-se de um conto minimalista, com violência explícita e desmedida, e com informações estritamente necessárias à coerência das ações narrativas.



*Transcrição do original:*

Um último soriço

Uma criança estava brincando do lado de sua casa, com sua amiga, as duas tavão muito distraídas que não virão um palácio pasar na frente da sua casa as meninas forão para frente da casa pegar a mesa e as cadeiras de plástico, mas as duas tiverão uma surpresa.

O palácio estava parado do lado da mesa com dois balois vermelos na mão, as meninas não sabiam que era ele o que ele queria com as duas. Elas ficarão com medo mas o palácio queria a penas tira o soriço das duas para isso a conteser elas tinha que ficar feliz.

Ele deu os balois para elas, eficou fazendo caretas para elas sori, eles ficaram muito tempo a sim até que ele olhou fundo nos olhos das meninas e retirou cada pontinho de felicidade até ficar só tristeza. O palácio tinha tudo o que queria e até mais do que pençava por-que ele era o labrão de soriço mais procurado pela polícia te dodo os países. (Aluna do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Juiz de Fora)

*Transcrição conforme a convenção:*

Um último sorriso

Uma criança estava brincando do lado de sua casa, com sua amiga, as duas estavam muito distraídas que não viram um palhaço passar na frente da sua casa as meninas foram para frente da casa pegar a mesa e as cadeiras de plástico, mas as duas tiveram uma surpresa.

O palhaço estava parado do lado da mesa com dois balões vermelhos na mão, as meninas não sabiam quem era ele o que ele queria com as duas. Elas ficaram com medo, mas o palhaço queria apenas tirar o sorriso das duas. Para isso acontecer elas tinham que ficar felizes.

Ele deu os balões para elas e ficou fazendo caretas para elas sorrirem, eles ficaram muito tempo assim, até que ele olhou fundo nos olhos das meninas e retirou cada pontinho de felicidade até ficar só tristeza. O palhaço tinha tudo o que queria e até mais do que pensava porque ele era o ladrão de sorriso mais procurado pela polícia de todos os países. Aluna do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Juiz de Fora)

O texto apresenta alguns desvios de grafia que serão apontados abaixo e discutidos.

Como já verificamos anteriormente, as falhas de primeira ordem mostram que a aluna ainda não está completamente alfabetizada; na escrita, essas falhas ocorrem na falta de correspondência entre sons e letras, como ocorre em:

- ✓ **“labrão” / “dodo”** – nestas duas palavras podemos identificar a permuta de letras. Ocorreu a troca do (d) pelo (b) na palavra “ladrão” e do (t) pelo (d) na palavra “todo”.

- ✓ **“a penas” / “a sim”** – nesses dois casos, acontece a hipersegmentação, em que a aluna separa a letra [a], considerando que se tratava de um artigo.

As falhas de segunda ordem são as mais frequentes, e a escrita é como uma transcrição fonética da fala, como podemos verificar em:

- ✓ **“tavão” / “virão” / “forão” / “tiverão” / “ficarão”** – em quase todos os empregos verbais a aluna utilizou o tempo de forma equivocada.
- ✓ **“destraídas”** – quando ocorre a falha ortográfica de troca do [i] ou [e], trata-se de um caso de hipercorreção. Isso ocorre quando a aluna generaliza essa escrita como regra. Foi o que aconteceu com a palavra “distraídas”.
- ✓ **palácio / vermelos** – a aluna mostra que desconhece a ortografia, e não faz a grafia do dígrafo [lh].
- ✓ **“a conteser”** – neste caso ocorrem a hiper-segmentação.
- ✓ **“balois”** – nesse caso, ocorreu uma troca nos encontros vocálicos.
- ✓ **“elas tinha que ficar feliz”** – este trecho compreende falha ortográfica de natureza sintática, ou seja, de concordância ou de regência.
- ✓ **“eficou”** – este é um caso de hipossegmentação.
- ✓ **“sori” / “soriço”** – nessas duas grafias, ocorre um caso de regularidade contextual, no entanto, dependendo do dialeto, a pronúncia pode ter influenciado na grafia.
- ✓ **“por-que”** – nesse momento, a aluna demonstrou não ter conhecimento das regras ortográficas ao introduzir o hífen .

Já as falhas de terceira ordem acontecem apenas quando há troca entre letras correspondentes, como se pode verificar em:

- ✓ **“soriço” / “messa”** – nesses dois casos, além da falha de ortografia, há uma troca em relação à representação dos sons /z/ e /s/.
- ✓ **“pasar” / “pençava”** – o som /s/ é representado por [z], [ç], [s] e [ss]; nesse caso, a aluna não soube empregar corretamente a forma ortográfica.

Foi possível identificar falhas de primeira, segunda e terceira ordem nessa produção textual. Conforme apontado por Lemle (2007, p. 41), pode-se considerar que a aluna não completou sua alfabetização, apesar de se tratar de alguém que já cursa o 1º ano do Ensino Médio.

Nesse sentido, é fundamental que o professor saiba avaliar e verificar as falhas na escrita de seus alunos, a fim de cobrar que eles realizem tarefas que possam corrigi-las.

Lemle (2007, p. 42) sugere que o professor desenvolva “tarefas como responder perguntas, fornecer sinônimos ou antônimos, escrever formas do plural ou do feminino”, dentre outras, ampliando, assim, o repertório do aluno.

O professor deve estar atento ao desenvolvimento de seus alunos e orientá-los quanto à diferença entre língua falada e escrita, às variações linguísticas, à necessidade

de se adequar os registros. Deve também apresentar o modelo alfabético-ortográfico, mostrar a diferença entre letras e sons, entre outras regras do PB.

De acordo com a análise de Simões (2006), a dificuldade ortográfica não é exclusiva da fase de alfabetização, sendo necessária uma investigação mais aprofundada dos reais motivos que corroboram os resultados insatisfatórios do desempenho ortográfico do aluno em qualquer fase escolar.

Assim, é importante que o professor esteja preparado para o ensino da norma urbana de prestígio e, ao mesmo tempo, atento à realidade cultural de seus alunos, para que não ocorra nenhum tipo de discriminação ou exclusão por conta das falhas na grafia das produções textuais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da norma urbana de prestígio do PB requer do professor algumas competências, e os conhecimentos fonético-fonológicos são de extrema importância para auxiliar na alfabetização e no letramento do aluno.

Os conhecimentos fonético-fonológicos têm importância notável nos processos de alfabetização e de letramento, uma vez que é nesses processos que o professor de PB fornece subsídios para que o aluno aprenda a norma urbana de prestígio e seja capaz de produzir textos seguindo as regras fonológicas e de grafia.

A fonética e a fonologia são, sem dúvida, subsídios indispensáveis para o professor de PB, afinal, são elas que contribuem para os primeiros aspectos da comunicação verbal de qualquer falante. Ao falarmos de consciência fonológica, identificamos a importância dos conhecimentos fonético-fonológicos para a construção do conhecimento do aluno, no que se refere à leitura e à escrita.

A intervenção do professor é imprescindível para a aquisição da norma urbana de prestígio e para o aperfeiçoamento e desconstrução dos desvios de produções textuais, como as encontradas na produção usada como exemplificação neste trabalho.

Procurou-se com este artigo apresentar como se dá o processo de ensino e aprendizagem dos conceitos de fonética e fonologia no período de alfabetização e letramento. A partir daí, identificar a importância desses conhecimentos fonético-fonológicos para o professor de PB e demonstrar como o professor pode demarcar as falhas eventualmente cometidas nos textos produzidos por seus discentes.

Foi possível refletir sobre a importância dos conhecimentos fonético-fonológicos para o processo de ensino e aprendizagem e como tais conhecimentos podem ser aplicados pelos professores de PB, a fim de minimizar as falhas de grafia dos alunos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Tamara Cardoso. Princípios básicos de Fonética e Fonologia para a compreensão do processo de alfabetização em contexto de variedade linguística. **EDUCERE. XIII Congresso Nacional de Educação**. PUCPR 25 a 29/10/2015. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20967\\_8304.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20967_8304.pdf)

BISINOTTO, Allyne Garcia; SILVA, Lauro Luiz Pereira. A contribuição de estudos fonéticos e fonológicos na formação do docente alfabetizador. **Revista de Divulgação em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Ano 09 – n. 16 – 1º Semestre de 2013 – ISSN 1807-5193. Disponível em: [http://www.letramagna.com/art\\_16\\_2.pdf](http://www.letramagna.com/art_16_2.pdf)

DRIGHETTI, Bruno; REZENDE, Eremita Ribeiro Ferreira. O ensino de Fonética e Fonologia no ensino fundamental e médio: uma análise de livros didáticos e da relevância da matéria para o combate ao preconceito linguístico. **ESTUDOS/A MARGem**, Uberlândia, n. 11, ano 6, jul.-dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.ileel.ufu.br/index.php/amargem/article/view/106/O%20ensino%20da%20Fon%C3%A9tica%20e%20Fonologia>

DUARTE, Francis Paula Correa; SANTOS, Thaís de Paiva. Os estudos de Fonética/Fonologia e a prática de ensino-aprendizagem: um percurso histórico e contemporâneo na sala de aula. XVII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA E POLÍTICA LINGÜÍSTICA E DE ENSINO. **Cadernos do CNLF**, vol. XVIII, nº 07. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xviii\\_cnlf/cnlf/07/017.pdf](http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/07/017.pdf)

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MADUREIRA, André Luiz Gaspari; SILVA, Fabrício Oliveira. Fonética e Fonologia na docência: contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem da língua. **Educação em Foco**, ano 20, n. 31 – maio/ago. 2017 – p. 73-94. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/viewFile/1262/1421>.

MEDEIROS, Claudia Tavares. Letramento fonológico. **X ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1796-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1796-0.pdf).

SILVA, Leiliane Pereira; PACHECO, Vera. Os processos fonológicos subjacentes às formas divergentes de escrita em textos de alunos na fase de alfabetização. **Revista Philologus**, ano 21, Nº 63 – Supl.: Anais da X CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set/dez, 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/0121.pdf>

SILVA, Vanderlaine Isidorio da. **A fonologia e suas possíveis contribuições para a alfabetização na educação de jovens e adultos**. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17292/1/Dissert\\_VanderlaineIsidorio\\_B C.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17292/1/Dissert_VanderlaineIsidorio_B C.pdf).

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**.  
UNESP: Artmed Editora, 29 de fevereiro de 2004. Disponível em:  
<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>